

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - LIBERDADE
01 de Julho de 2024

IT HAPPENED ONE NIGHT / 1934

(Uma Noite Aconteceu)

Um filme de FRANK CAPRA

Realização: Frank Capra / **Argumento:** Robert Riskin, baseado no conto de Samuel Hopkins Adams "Night Bus" / **Fotografia:** Joseph Walker / **Direcção Artística:** Stephen Goosson / **Guarda-Roupa:** Robert Kalloch / **Música:** Louis Silvers / **Som:** Edward Bernds / **Montagem:** Gene Havlick / **Interpretação:** CLARK GABLE (Peter Warner), Claudette Colbert (Ellie Andrews), Walter Connolly (Alexander Andrews, o pai de Ellie), Jameson Thomas (King Westley), Roscoe Karns (Oscar Shapeley), Alan Hale (Danker), Ward Bond (condutor do primeiro autocarro), Ed Chandler (condutor do segundo autocarro), Harry Holman (dono do motel), Maidel Turner (mulher do dono do motel), Wallis Clark (Lovington), Charles C. Wilson (Joe Gordon), etc.

Produção: Harry Cohn para a COLUMBIA / **Cópia:** da LIBRARY OF CONGRESS, DCP, preto e branco, legendada electronicamente em português / **Duração:** 105 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 23 de Fevereiro de 1934 / **Estreia em Portugal:** Cinemas Odéon e Palácio, 4 de Novembro de 1934.

A sessão tem lugar na Esplanada

Em Fevereiro de 1934, Frank Capra assistiu nervosíssimo à cerimónia de entrega dos oscars de 1933. O seu filme **Lady for a Day** era candidato a quatro estatuetas: melhor filme, melhor realizador, melhor argumento e melhor actriz (May Robson). Era a primeira vez que tal sucedia na história de um pequeno estúdio, como então era a Columbia que Capra serviu em exclusivo desde 1928 e **That Certain Thing**. Além disso, Capra adorava o filme (despediu-se, aliás, das telas com um *remake* dele, produzido em 1961, sob o título **Pocketful of Miracles**) e estava firmemente convencido - com toda a razão - que tinha feito uma bela obra.

Por isso, quando o mestre de cerimónias abriu o envelope com o nome do realizador premiado, não teve quaisquer dúvidas ao ouvir: "*Frank, bem o mereceste*". Levantou-se emocionado. E só então reparou que ninguém olhava para ele mas para o outro canto da sala. Nesse canto, outro Frank (Frank Lloyd) avançava para o palco. Consagrava-o o filme **Cavalcade**, que havia também de levar o oscar de melhor filme. Nas memórias, Capra conta que nunca desejou tanto sumir-se pelo chão abaixo. E, para cúmulo do azar, **Lady for a Day** não teve qualquer estatueta.

Capra passou então tempos deprimidos. E não ficou nada entusiasmado quando Harry Cohn, o patrão da Columbia, lhe propôs, como filme seguinte, a adaptação de uma história de Hopkins que tinha sido publicada na revista "Cosmopolitan" sob o título **Night Bus**. À partida era um *bus movie* e uma das superstições mais antigas de Hollywood era a de que nenhum *bus movie* podia ser um sucesso. Mas Cohn insistiu com ele. Louis B. Mayer, o todo-poderoso patrão da MGM, acabara de

ter uma pega com Clark Gable e resolvera castigar o actor, cedendo-o a um estúdio como a Columbia, para o humilhar. Cohn não via mais ninguém, na casa, capaz de dirigir o enfurecido Clark Gable. Capra aceitou relutantemente. Depois, começou-se a entusiasmar pelo argumento, escrito pelo grande Robert Riskin com quem tinha começado a trabalhar em 1931, no filme **Platinum Blonde** (com Jean Harlow) e com quem faria no futuro quase todas as suas obras-primas. Capítulo seguinte: achar um par à altura de Gable. E deu um trabalhão convencer Claudette Colbert, então no *top* da carreira. Parece que a actriz só aceitou pela oportunidade que tinha de contracenar com Clark Gable, o que normalmente era difícil visto ser ela uma vedeta "Paramount" e ele uma vedeta "Metro".

Quando o filme se estreou, as primeiras críticas foram más e reticentes. Mas, pouco a pouco, tudo se transformou e, nesse ano de 1934, **It Happened One Night** foi um dos maiores êxitos de bilheteira. Capra foi novamente designado para o oscar, num total de seis designações que o filme teve. E, dessa vez, Capra não voltou para trás. Saiu-lhe o *jack-pot*. **It Happened One Night** ganhou cinco oscars: melhor filme, melhor realizador, melhor actor (Gable), melhor actriz (Claudette Colbert) e melhor argumento adaptado. Pela primeira vez, na história de Hollywood, um só filme levava todas as estatuetas principais o que, até hoje, só aconteceu mais duas vezes: em 1975, com **One Flew Over the Cuckoo's Nest** de Milos Forman e em 1991 com **The Silence of the Lambs** de Jonathan Demme. Se há muitas maravilhas na obra anterior de Capra, a grande glória começa aqui.

Essa glória não se dissipou com a passagem do tempo. 62 anos depois da estreia, **It Happened One Night** continua a ser unanimemente considerado uma das melhores e mais brilhantes comédias de Hollywood e o seu estatuto clássico é indiscutível. E, para muitos comentadores, é neste filme que, pela primeira vez, se manifesta em plenitude o estilo de Capra.

It Happened One Night é geralmente considerado a primeira grande *screwball comedy* de Hollywood, o que, quando dedicámos um Ciclo a esse tipo de comédias, (em 2000) vimos não ser bem verdade. Mas é verdade que, depois da aprovação do famoso Código Hays, geralmente aplicado pela indústria a partir de 1932, parecia muito difícil voltar a fazer loucas comédias sexuais como as dos anos 20. Com **It Happened One Night**, Capra mostrou – e demonstrou – que era possível pôr a moral às avessas, sem infringir uma linha ou um parágrafo do Código. Tudo no sítio, tudo onde se deve, mas sabendo que o espectador só pensa no tudo, e nos outros sítios que são o tudo do tudo desse tudo. Nesse sentido, sim, **It Happened One Night** inaugurou uma era, em que os "*obscuros objectos do desejo*", para usar uma expressão de Buñuel, nunca foram tão claramente obscuros, ou tão obscuramente claros.

It Happened One Night é sobretudo uma prodigiosa finta aos códigos. Pão pão queijo queijo, pode dizer-se que este filme não fala de outra coisa senão de um homem que quer ir para a cama com uma mulher e de uma mulher que quer ir para a cama com um homem. E que, ainda por cima, e por peripécias da história, são "forçados" a passar duas noites no mesmo quarto. Só que o que querem fazer não o podem fazer: não tanto porque os respectivos estatutos os não deixassem, mas porque o cinema os não deixava. E assim se fez um filme baseado numa espécie de suplício de Tântalo. O que eles querem - e o que o espectador quer - não pode acontecer, ou só pode acontecer no fim, devidamente protegido pela santidade do matrimónio. E as prodigiosas elipses finais (depois da fuga de Claudette Colbert do casamento) centradas no cocktail do pai, nos telegramas e no plano final do cobertor no meio do chão, são simultaneamente a mais irónica e a mais descarada afirmação da vitória do sexo. Por alguma razão, o casal pediu uma trombeta. A queda do muro de Jericó tem que ser proclamada com as trombetas de Jericó. O símbolo da guerra dos sexos merece, na hora da vitória, uma saudação tão retumbante como esta.

Tudo no filme se reporta obliquamente ao sexo. Desde o título. **It Happened One Night**. Mas qual noite? Vimos pelo menos três: as duas dos motéis e a noite das palhinhas não menos alusiva. Só que todas essas noites são uma noite, pois que é durante ela que os jogos do dia atingem a

mesma tensão. E o título - prodigiosa ambivalência - pode também referir-se à última noite, essa de que nada vemos a não ser a muralha derrubada.

Mas não são só Clark Gable e Claudette Colbert que passam a vida a pensar "nisso". É "nisso" que igualmente pensam todos os comparsas do filme. Se Claudette Colbert acaba sempre por ir para os braços de Clark Gable é porque outros homens fizeram avanços mais directos e eram bem menos *sexy*.

E temos assim uma magistral progressão: na primeira noite (no autocarro) Claudette Colbert senta-se ao lado de Clark Gable para fugir a um vizinho incómodo. Quando acorda, tudo na posição dela sugere que o sono falou mais certo do que a vigília. Na segunda noite, resiste como pode à armadilha do quarto único. Mas Clark Gable sabe que guerra está a travar. E depois de lhe dar todos os "aperitivos" (o pijama, o seu lapidar *strip-tease*) ergue a muralha de Jericó para guardar melhor o bocado que há-de comer. Na segunda noite da muralha, Claudette Colbert já não resiste e é ela a primeira a atravessar a barreira, com Gable afitíssimo e recomendar-lhe que é melhor que volte para a cama.

E todas as situações são paradigmáticas: o tronco nu de Gable (um dos momentos que levou mais gente a ver o filme), a comédia do marido e mulher, conjugalmente erguendo a relação que desfazem (prodigiosa sequência em que imitam um casal barato para despistar a polícia), os duches de Claudette Colbert, a cenoura crua, o truque da boleia (polegar e perna).

Mas Capra não é realizador para se ficar apenas na malícia. E se **It Happened One Night** teve o sucesso que teve, tal se deveu, também, em anos de depressão económica e muita miséria, à fábula social que propõe. Entre os seus milionários, Claudette Colbert jamais encontrou homem que lhe servisse. Foi preciso sair de casa - Cinderella ao contrário - para, sem dinheiro e entre gente comum, descobrir o homem e descobrir a alegria da vida. O que os milhões do pai lhe não deram deu-lhe o autocarro (ou os autocarros), Nova Iorque - Miami, as noites mal dormidas e a fome passada. Como paradigmaticamente se demonstra na fabulosa sequência do canto colectivo, quando, em coro, todos vivem a hora da harmonia. Não é por acaso que a ela se sucede a hora das trevas (a noite nos bosques) e que, nela, Claudette Colbert muda de comportamento atirando-se, por fim, para os braços de Gable (a escada de Jacob).

Hollywood fez dezenas de filmes decalcados neste. Mas nunca, como em **It Happened One Night**, a moral sexual e social foi tão oblíqua e tão transparente. O tronco nu de Clark Gable, a saia levantada de Claudette Colbert e as muralhas de Jericó.

JOÃO BÉNARD DA COSTA